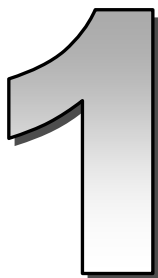


O CRÍTICO-LEITOR JOSÉ VERÍSSIMO



O estudo da pátria brasileira não como simples agremiação política, mas como uma nacionalidade consciente deve ser o ponto de partida de todos os seus escritores, de todos os seus sábios e de todos os seus artistas, e a única base positiva para assentarem uma cultura verdadeiramente nacional. É esta a inspiração da minha obscuríssima vida literária e o espírito que dirige todos os meus trabalhos.

José Veríssimo, **Estudos Brasileiros**, 1889.

Até 1870 a crítica literária brasileira era formada por escritores que, despojados de um instrumental teórico nomeadamente científico, reconheciam a história da literatura mais por seu lado histórico do que pelo literário. Fazem parte dessa fase, dentre outros, escritores estrangeiros e brasileiros como Friedrich Bouterwek (1765-1828), Sismonde de Sismondi (1773-1842), Ferdinand Denis (1798-1890), Gonçalves de Magalhães (1811-1882), Santiago Nunes Ribeiro (falecido em 1847), Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), Joaquim Norberto de Sousa Silva (1820-1891). Tais escritores, estimulados pela fundação da Imprensa Régia no Brasil, pelo decreto de 1808, e pelo movimento de Independência e promoveram a discussão sobre a literatura brasileira e suas relações com o desenvolvimento da nação.¹

¹ “Feita assim dispersamente, ao acaso dos ensejos, sem seqüência nem sistema, como uma manifestação pessoal de impressões recebidas dos livros lidos, mais talvez por amor dos autores que da literatura, como um estímulo ou um reclamo, e também, às vezes, mas raras, como um anátema, não chegou essa crítica a ser um gênero literário separadamente cultivado. E os seus produtos havemos de ir buscá-los em jornais e revistas, prefácios de livros ou reproduzidos e citados em páginas posteriores. Quem mais sistematicamente a fez depois das duas primeiras gerações românticas, pelo menos como professor oficial de literatura, foi o cônego Fernandes Pinheiro, que deixou dois livros consideráveis de matéria cujo docente era no Colégio de Pedro II, **Curso elementar de literatura nacional** (1862) e **Resumo da história literária** (1873). De fundo próprio, quer de erudição, quer de pensamento, pouco havia do autor destes livros, onde se continuavam extemporaneamente sistemas críticos já ao tempo obsoletos”. VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1º milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916. p. 274.

A crítica literária feita no decorrer do Romantismo esboça as primeiras sistematizações da literatura brasileira, reconhecendo a “brasilidade” dos escritores que escrevem sobre o Brasil. Os críticos românticos ao recolher, catalogar e recuperar os textos que formam a literatura brasileira, fornecem as primeiras manifestações de uma cultura erudita que ratifica o desenvolvimento da nação brasileira configurando, assim, um *corpus* que será revalidado pelos críticos naturalistas a partir de uma variedade de modelos teóricos vindos da Europa.

O efeito desse trabalho será a reconstituição do passado intelectual brasileiro através da formação de uma “genealogia” do pensamento literário nacional. O século XIX, marcado por grandes mudanças políticas e sociais que visam inserir o país na modernidade ocidental, desde 1808, com a chegada de D. João VI ao Brasil, inicia um processo de institucionalização da cultura e da política brasileira que redimensiona a esfera pública nacional e impõe, a partir da Independência (1822), novos rumos para a cultura brasileira.

Como exemplo tem-se a posição de Ferdinand Denis, e muitos outros historiadores românticos, que, associando historicismo e nacionalismo, fundam um sentido retrospectivo para a análise dos escritores brasileiros, aliando ao nacional, originalidade e cor local. Através dessa conciliação, o Brasil inicia uma tradição que, até o início do século XX, vincula literatura brasileira à expressão da nacionalidade e desenvolvimento da sociedade.

O papel dos escritores românticos, ao reconstituir o passado nacional através de genealogias intelectuais, é iniciar uma organização intelectual. Isso os transformará em críticos-historiadores, preocupados com o desenvolvimento da consciência da cultura feita no Brasil, através da efervescência dos ideais românticos, das concepções que legitimam o solo nativo e do sentimento nacional como forma de originalidade e afirmação da nacionalidade.

A sistematização da literatura é feita a partir do ponto de vista cronológico, comprovando o enlace entre compromisso estético e cor local ao se estabelecer relações entre a formação da literatura nacional e o desenvolvimento do Brasil. Tendo seu ápice na Independência, os intelectuais da época identificam-se com os grupos nativos — daí o indianismo — produzindo uma literatura relacionada com o mundo tropical.

Através dos bosquejos, esboços, parnasos e florilégios surge, com o Romantismo, a sistematização cronológica da literatura brasileira alicerçada na bibliografia dos escritores mais representativos do Brasil. Ao longo do Segundo Reinado (1840-1889) algumas instituições, como os Institutos Históricos e Academias, são encarregadas de elaborar um novo conceito de nação. Os escritores românticos, através de imagens brasileiras — como o índio, o passado heróico, a natureza — em conformidade com os críticos, que misturavam história e literatura na construção de um imaginário nacional, criam um discurso local apoiado em valores metropolitanos e tidos como universais.

Após trezentos anos de colonização, o Brasil organiza um discurso, alicerçado na reordenação de um campo intelectual voltado para ideais de liberdade e originalidade, e, principalmente, de progressivo distanciamento dos modelos e valores portugueses.

Estimulando a incipiente literatura nacional e promovendo o registro das letras no Brasil, os críticos românticos orientam o gosto literário dos leitores e ditam as regras para os jovens escritores, ao formar e delimitar o patrimônio literário que será objeto de estudo dos críticos naturalistas. Na **História da literatura brasileira**, de José Veríssimo, por exemplo, grande parte dos capítulos é formada por escritores do Romantismo, servindo de matéria-prima para o crítico montar seu pensamento analítico. Se os românticos legitimam a literatura brasileira, através da definição do processo de desenvolvimento

da autonomia do pensamento nacional, cabe aos críticos naturalistas rever via cientificismo o cânone proposto pelo romantismo. Assim sendo, por meio do pensamento de críticos brasileiros e estrangeiros ou da propagação das idéias literárias apresentadas em revistas e periódicos, os românticos debatem os rumos da literatura brasileira, destacando sua origem e caráter.

Com os ventos da República, no entanto, busca-se uma identificação com os grupos estrangeiros através de um sentimento cosmopolita que faz do Rio de Janeiro o centro da cultura, política e das idéias no Brasil.

Segundo José Veríssimo o “bando de idéias novas” que formam o pensamento dos intelectuais da chamada “geração de 70” definia um “modernismo” capaz de desvendar as motivações da cultura nacional. A “geração de 70”, utilizando-se das idéias do positivismo e do evolucionismo, difunde os debates intelectuais da época, como a Abolição e a República, desenvolvendo um conceito evolutivo de História, que rompe com o conceito de História natural do século XVIII, vinculado à Biologia, Economia e Filologia, criando a ilusão de progresso e identidade com o novo Estado-nação brasileiro, ao defender os ideais da República e provocar o distanciamento da situação de colônia.

Os intelectuais da “geração de 70”, a partir de uma perspectiva dinâmica da história, discutem e contribuem para a formação de um novo pensamento na literatura e cultura brasileira, definindo uma elite intelectual que configura uma “ilustração” no desenvolvimento do ideário nacional. Machado de Assis, por exemplo, referindo-se aos poetas da “nova geração”, acreditava que esse *bando de idéias novas*, não seria o principal responsável pela definição da qualidade literária nacional. Ao analisar essa “nova geração”, Machado de Assis observa:

A geração atual tem nas mãos o futuro, contanto
que lhe não afrouxe o entusiasmo. Pode adquirir o que

lhe falta, e perder o que a deslustra; pode afirmar-se e seguir avante. Se não tem por ora uma expressão clara e definitiva, há de alcançá-la os idôneos. Um escritor de ultramar, Sainte-Beuve, disse um dia, que o talento pode embrenhar-se num mau sistema, mas se for verdadeiro e original, depressa se emancipará e achará a verdadeira poética.²

O entusiasmo a que se refere Machado de Assis pode ser caracterizado pela necessidade de formulação de um conceito de identidade nacional que produz um diálogo entre as matrizes europeias e a cultura brasileira, consolidando o enlace entre arte, ciência e política. Com a recepção de modelos europeus, os pensadores da “nova geração” fazem uma interpretação da cultura brasileira, da raça e da natureza tropical a partir de um sincretismo de conceitos, noções e teorias que permeiam as relações entre cultura e sociedade.

As idéias predominantes para essa revisão dos valores da cultura nacional vinham da Europa através das doutrinas positivistas de Auguste Comte (1798-1857) e Émile Littré (1801-1881), do biologismo de Charles Darwin (1809-1882), do evolucionismo de Herbert Spencer (1820-1903), do determinismo de Hippolyte Taine, da concepção historiográfica de Buckle, da filosofia de Immanuel Kant (1724-1804) e Arthur Schopenhauer (1788-1860), entre outros.

A historiografia propõe um movimento de identidade e diferenciação na construção da inteligência brasileira, reproduzindo a experiência europeia e sua relativa adaptação aos trópicos. Como afirma José Veríssimo: *o movimento que tenho chamado de modernismo e cujo mais evidente sinal foi, como o europeu de que se originou, o espírito crítico, deu à crítica outra direção e outros critérios.*³ Vinculados aos

² MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. A nova geração. In: ————. **Crítica literária**. Rio de Janeiro: Jackson, 1955. p. 241-2

³ VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1^o milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916. p. 275.

ideais do positivismo e do evolucionismo, os letrados brasileiros conheciam melhor a Europa, e, por conseguinte suas idéias e filosofias, do que o próprio Brasil. Tal vinculação trazia ao Rio de Janeiro, cenário da elite cultural brasileira, uma transformação no modo de vida e na mentalidade nacional.

Assim sendo, os intelectuais brasileiros, substituindo um pensamento calcado em relações sociais do tipo senhorial por outro do tipo burguês, buscam um cosmopolitismo que nega os elementos da cultura popular, promovendo uma “regeneração” da cultura brasileira, da cidade do Rio de Janeiro e da política nacional.

No decorrer do tempo, no entanto, essas modificações geram um sentimento de isolamento e ceticismo naqueles intelectuais que, como José Veríssimo, acreditavam na construção de um novo Brasil, a partir da mudança de regime do governo e da valorização da ciência como um antídoto contra todas os problemas sociais que assolavam o país.

Apesar da grande importância do Rio de Janeiro, considerado o principal centro cultural brasileiro, as idéias científicas encontram um terreno fértil em torno das academias de Direito e Medicina e dos grupos ou sociedades intelectuais de outras regiões. Entre esses grupos que faziam o movimento das idéias européias, podem-se citar os de Fortaleza, Recife e Salvador. No Ceará destacam-se pensadores como Capistrano de Abreu (1853-1927), Rocha Lima (1879-1917), Paula Nei (1858-1897), Araripe Júnior e muitos outros, que formam a *Academia Francesa*. Não obstante, em Pernambuco, tendo como líder Tobias Barreto (1839-1889), seguido por Sílvio Romero, a *Escola do Recife*. Desvinculando-se de Portugal, o Brasil toma as idéias da França — também uma mediadora do pensamento inglês e alemão — como parâmetro para a criação de um processo civilizatório universal.

As idéias científicas, vindas da França, consolidam a ruptura da colônia com a metrópole e promovem o reordenamento de uma

sociedade que procura sustentar uma posição autônoma frente ao “mundo civilizado”. Ao se distanciar dos ideais de cultura de Portugal, desenvolvendo uma substituição dos ideais românticos por um “campo intelectual” centrado na ciência e no materialismo, os pensadores do século XIX redimensionam o papel do Brasil frente ao mundo. Na opinião de Afrânio Coutinho:

Em 1880, o Romantismo, ou a “escola subjetiva”, estava morto. Começava-se uma nova era, dominada pelo espírito filosófico, científico, de cunho materialista, naturalista, determinista. Por sua vez, o Brasil entrara num momento de grandes transformações sociais e econômicas. Era a própria estrutura da sociedade brasileira que mudara, dando início à industrialização, por sobre a tradicional composição agrária, latifundiária, aristocrática.⁴

A estrutura da sociedade brasileira sofre transformações ao propiciar a ascensão da burguesia ao poder, substituindo o modelo agrário-feudal, como centro de concentração política representada pelos senhores de engenho, por um modelo cuja importância das camadas urbanas é representado, posteriormente, pela figura do senhor do café.

Seguindo as mudanças da sociedade brasileira, os intelectuais acreditavam na noção do aperfeiçoamento indefinido do indivíduo, conforme os ideais do evolucionismo, libertando o homem do determinismo teológico e inserindo-o no materialismo. Nesse contexto, a literatura passou a ter como nota dominante a filosofia, o cientificismo ou as chamadas características realistas e naturalistas.

José Veríssimo, em sua **História da Literatura Brasileira**, dedica um capítulo ao chamado *Modernismo*. Para o crítico paraense as “novas

⁴ COUTINHO, Afrânio. (Org.). **A literatura no Brasil**. 2a. edição. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969, v.2, p. 20.

idéias” teriam sido marcadas por fatos de *ordem política e social e ainda de ordem geral*, (que) *determinaram-lhe ou facilitaram-lhe a manifestação aqui*.⁵ Entre esses fatos podem-se citar a Guerra do Paraguai, as discussões entre uma visão religiosa ou laica do ensino, a guerra franco-alemã, a revolução espanhola, a proclamação da República na França (1870) — que geraram uma agitação republicana no Brasil. Todos esses fatos, aliados ao “movimento das idéias”, contribuíram para a construção de novas abordagens da literatura e cultura brasileira.⁶

Segundo José Veríssimo, *foi nos próprios livros franceses de Littré, de Quinet, de Taine ou de Renan, influenciados pelo pensamento alemão e também pelo inglês, que começamos desde aquele momento a instruir-nos de novas idéias*.⁷ As referências para os críticos do século XIX, via de regra, eram emprestadas da **Histoire de la Litterature Anglaise** (1864), de Hypolite Taine⁸ que condicionava a produção literária a uma

⁵ VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1º milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia., 1916. p. 314.

⁶ “No Brasil, e aqui entramos na primeira das causas particulares da influência positivista, não se pode dizer haja alguma coisa organizada. Não o estava o próprio Estado, apesar de sessenta anos de monarquia, não o estava como ainda não o está a Igreja, e menos ainda o academicismo, o oficialismo, em suma qualquer desses elementos da vida nacional que alhures são um obstáculo à intrusão de certas idéias. Do seio das próprias corporações que por sua mesma essência deviam sustentar o Estado, defender a Igreja, que lhe era conjunta, manter a tradição acadêmica, sustentar o oficialismo, surdiam pregadores da doutrina cujo fim declarado era destruir tudo isso. A monarquia esfacelada e decomposta, não tendo por si sequer a crença do imperante no regime imbecil, no rigor vernáculo da palavra; a Igreja, impotente, desmoralizada pelo regalismo, sem recursos materiais e morais, que nem clero possuía suficiente para as necessidades rituais; o academicismo vegetando no egoísmo da vida prática, na inércia do privilégio, livre de estímulos pela segurança da vitalicidade e pela falta de concorrência, nenhuma hierarquia, nenhuma casta, nenhuma coesão entre essas diferentes moléculas do corpo social, este era como a matéria mole, excessivamente plástica e dúctil, em que podia trabalhar à vontade quem tivesse uma convicção e um objetivo. Quem fosse uma organização, conseqüente e forte, acabaria fatalmente por atuar nesse meio sem consistência nem resistência. Foi o que sucedeu ao positivismo aqui.” VERÍSSIMO, José. O Positivismo no Brasil. In:———. **Estudos de literatura brasileira**. 1ª. série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976. p. 62.

⁷ VERÍSSIMO, José. Op. cit. p. 347

⁸ “Para se ter uma idéia da enorme influência exercida pela obra de Taine – que é o modelo clássico da historiografia literária naturalista – basta a menção das obras dos seus mais célebres discípulos, que introduziram seu método – segundo o qual a cronologia é um mero instrumento didático, sendo mais importante as determinações da *race*, do *milieu* e do *moment historique* - nos respectivos países de origem: **As correntes principais da literatura do século XIX** (1872-90), do dinamarquês George Brandes; a **História da literatura alemã** (1883), de Wilhelm Scherer; e a **História da literatura brasileira** (1888), de Sílvio Romero.” Cf. CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959-1966. p. 27

análise biológica. Taine desenvolve a idéia da *faculté maitreisse*, que explica o “gênio individual” dos escritores mais importantes para uma nação. Veríssimo, seguindo Taine, também escolherá para sua **História** aqueles escritores que possuem maior representatividade para a literatura brasileira. A *faculdade-mestra* atua, portanto, como um princípio de valorização da individualidade dos escritores que, ao longo da história, tornaram-se modelos de representação artística e literária, servindo como elo entre o escritor e seu contexto.

Apesar do condicionamento da obra literária a conceitos biológicos, Taine não revela muito interesse pela história literária e a relação de continuidade ou totalidade da tradição literária na França, preferindo tratar as obras literárias a partir de suas características individuais. Aproximando o pensamento de Taine ao de Veríssimo, pode-se afirmar que ambos reuniram em si idéias e teorias que adquirem um complexo, e até mesmo contraditório, caminho crítico. No caso de Taine é possível observar a combinação entre o ideal hegeliano e a fisiologia naturalista, senso histórico e idealismo, individualidade e determinismo universal, consciência moral e intelectual. São coordenadas que complementam o pensamento de Taine ao concatenar a sociologia ao individualismo dos grandes escritores.

Precursor das relações entre sociologia e literatura, Taine procura relacionar o contexto social e político ao cenário artístico específico e suas relações com o público literário específico. Dessa relação nasce a valorização da “representatividade” do escritor que será uma das bases do pensamento de Veríssimo ao montar a **História**. A representatividade assume, assim, o papel de vinculação entre o espírito individual das obras e a nação.

Como observa Veríssimo:

Não há na verdade nação sem literatura. Assenta a justeza deste conceito de Ferrero no postulado de que

a literatura é a expressão da sociedade, a manifestação escrita do pensamento e do sentimento de um povo. Um povo que não os tivesse, dignos de serem exprimidos, e que não achasse em si os estímulos necessários à sua expressão, não seria uma nação.⁹

Para Veríssimo o elemento nacional adquire uma gradação de significado porque pode transformar-se em critério “ideológico”, quando se trata do período colonial, ou em critério estético quando se trata dos escritores românticos. De certa forma, Veríssimo adota um ponto de vista analítico calcado no conservadorismo romântico que encara a literatura colonial como ramo da portuguesa e a literatura nacional como legitimação do caráter nacional brasileiro. Resta ao crítico, no entanto, a tensão de retratar a obra de Machado de Assis e inseri-la num contexto universal que determina a valorização do critério estético como o “natural desenvolvimento” das letras nacionais. Para João Alexandre Barbosa, a **História da literatura brasileira:**

Surgida sob o impacto poderoso que provocara no Brasil a difusão daquilo que ele mesmo (José Veríssimo) chamava de *bando de idéias novas*, sobretudo a partir dos anos 70, isto é, os princípios do positivismo, do evolucionismo e do determinismo, não apenas buscava fazer a crítica de princípios românticos que informara a atividade crítico-histórica imediatamente anterior, mas fazia da história literária a expressão de uma interpretação de largo espectro da cultura no Brasil, a **História** de José Veríssimo já revelava o diálogo, sempre problemático para um homem de sua formação, em tudo semelhante à de Sílvio Romero, com os novos modelos

⁹ Veríssimo, José. A nossa evolução literária. In:———. **Últimos estudos de literatura brasileira**: sétima série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p. 43.

de crítica, instaurados, como sempre acontece, a partir das próprias inovações literárias.¹⁰

Para se ter uma idéia da complexidade do campo intelectual do século XIX, José Veríssimo, ao escolher Machado de Assis para centro de seu cânone literário nacional, deixa de lado muitos escritores, como Euclides da Cunha (1866-1909) e Lima Barreto (1881-1922), como será abordado no capítulo seguinte, que seriam conflitantes em relação aos propósitos do crítico. Assim sendo, o campo intelectual proposto por Veríssimo não poderia ser definido por escritores que mostrassem os problemas sociais do Brasil, mas por escritores que, de certa forma, continuassem um padrão de “esfera pública” centrado nos ideais europeus de civilização.

As escolhas de Veríssimo determinam uma utilização “clássica” da linguagem e não “experimental”, no caso Euclides da Cunha e Lima Barreto, cujo padrão de cultura seria desenvolvido pela elite intelectual que se concentrava na Academia Brasileira de Letras.

Segundo João Alexandre Barbosa, a **História** *é muito mais obra de um crítico literário que adotava um ponto de vista histórico que obra específica de historiador literário, preocupado antes em julgar valores do que pesquisar origens ou consagrar opiniões.*¹¹

Sílvio Romero, por exemplo, tratava a crítica como uma forma de contribuição para a cultura nacional, ao passo que, Veríssimo buscava uma concepção crítica com base nas “boas e belas letras” aliadas ao contexto sócio-econômico do Brasil.

Quando os intelectuais da “geração de 70” percebem que os ideais republicanos não atendem às expectativas dos pensadores que esperavam um modelo sócio-político-cultural progressista e engajado na

¹⁰ BARBOSA, João Alexandre. A **História da literatura brasileira** de José Veríssimo. In: ———. **Alguma crítica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 116.

¹¹ BARBOSA, João Alexandre. **A tradição do impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo**. São Paulo: Ática, 1974. p. 75.

solução de todos os problemas sociais, transformam o Brasil num campo de debates e polêmicas, conforme definição de Roberto Ventura:

Ao longo das polêmicas entre Romero, Veríssimo, Araripe, Capistrano de Abreu e Teófilo Braga, surgem questões até hoje presentes na crítica literária: o predomínio da história ou da estética na interpretação literária, os destaques dos fatores extrínsecos ou intrínsecos da obra, a análise do tema e conteúdo ou da forma e linguagem, o conceito genérico ou específico de literatura. A história da crítica envolve, como observa René Wellek, uma série de debates sobre conceitos recorrentes e contestados.¹²

Partido de conceitos centrados no positivismo e no cientificismo, José Veríssimo organiza um campo intelectual, convertendo a crítica literária num gênero, que traduz, legitima, e hierarquiza as obras literárias em fatores intrínsecos e extrínsecos ao campo intelectual de ação.

Agindo ambigualmente como uma espécie de representante dos escritores e porta voz do público, o crítico literário elabora seu discurso por meio de um ponto de vista literário que está agregado ao discurso de sua esfera pública. Os *conceitos* dos críticos românticos, dessa forma, procuram um ponto de equilíbrio entre história e literatura, tendo o índio como principal representante. Sílvio Romero, por outro lado, elege o mulato — *tipo variadíssimo* — para a elaboração de uma identidade nacional, apontando não somente a mestiçagem racial, mas a *mestiçagem moral* como forma de sustentar a nacionalidade em bases científicas, mesológicas e etnológicas.

Os conceitos que Veríssimo adota em sua **História da literatura brasileira** também possuem a característica da *recorrência* ou da

¹² VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870 1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 11.

contestação. Ao mesmo tempo em que renega algumas fontes como critério único de análise do processo de formação da literatura brasileira, o crítico procura acompanhar a evolução da literatura brasileira através de um *sistema* ou *seqüência* que se inicia com a transformação do nativismo em nacionalismo e, por fim, em universalismo. Veríssimo não pretende apenas historiar, como faziam os românticos, todos os escritores delimitados em escolas estéticas, mas relativizar a importância do escritor para a sociedade brasileira e selecionar aquelas obras que possuem *traços diferenciais* — ou passaram por uma *seleção natural* — fazendo parte do cânone literário nacional. José Veríssimo define que:

Menos ainda do que qualquer dos gêneros literários aqui versados, não se constitui a crítica em aplicação particular da atividade literária. E como se não tivesse outra doutrina que o gosto pessoal dos que eventualmente a faziam, fosse pura externalização de impressões, mais no intuito de louvor ou censura, que no de exame e explicação da obra, afetasse um tom retórico e ordinariamente se excedesse em divagações escusadas de trivialidades literárias ou em banalidades conceituosas, essa crítica, afora que é propriamente história literária feita por um Varnhagen, um Norberto, um Sotero e ainda um Fernandes Pinheiro, apenas deixou de si um outro documento estimável. Nada obstante foi útil e, ainda com as suas falhas e defeitos, serviu ao desenvolvimento das nossas letras.¹³

Sem adotar uma postura única, Veríssimo possui um *senso de relatividade*, que faz sua atividade crítica ser norteada por uma infinidade de princípios estéticos e filosóficos que aparentemente sugerem uma

¹³ VERÍSSIMO, José. **Historia da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1^o milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916. p. 275

idéia de livre-pensador, conforme Moisés Velinho¹⁴ ou Afrânio Coutinho¹⁵, que na mesma direção considera que tal senso de relatividade é limitado ao processo de formação do campo intelectual proposto pelo crítico.

Um processo de “antropofagia” toma conta do crítico literário ao traçar o percurso histórico da literatura brasileira através daquelas obras mais representativas para determinado público-leitor.

No caso de José Veríssimo, o “processo antropofágico” se faz presente na releitura de teóricos, matrizes e modelos europeus que ganham uma nova abordagem por parte do crítico pois, de certa forma, são aclimatados ao ambiente brasileiro. Apesar da vinculação ao método de Taine e seus discípulos, Schreier na Alemanha, Brandes na Dinamarca e Brunetière na França, o crítico paraense consolida suas idéias a partir da configuração de uma **História da literatura brasileira** que considera o “natural” desenvolvimento da cultura, vinculado a um aprimoramento estético, formado por idéias e conceitos muitas vezes contraditórios, moldados pela revisão de sua própria obra, de seus conceitos e, principalmente, de um horizonte de leituras extremamente abrangente.

O resultado é a definição de um cânone literário interligado ao desenvolvimento de uma consciência nacional e à recuperação de uma cultura de fundo “iluminista”, que corre o risco de ser esquecida pela mudança das estruturas sociais.

¹⁴ “Foi, antes de tudo, um livre pensador, refratário a todas as formas de expressão, e esta atitude o levaria, no terreno da crítica, a um sadio ecletismo. Desconfiava das classificações e dos sistemas fechados. Também se guardava das generalizações. O senso da relatividade era de suas faculdades a que ele mais procurava proteger a fim de se por a salvo de contaminações extremadas”. VELINHO, Moisés. José Veríssimo. In: COUTINHO, Afrânio (Org.) **A literatura no Brasil**. 2^a. edição. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969. p. 50.

¹⁵ A idéia da relatividade crítica de Veríssimo também é abordada por Afrânio Coutinho: “O senso de relatividade era de suas faculdades a que ele mais procurava proteger a fim de se pôr a salvo de contaminações extremadas. Daí que as idéias e princípios que o nortearam em seu roteiro crítico nunca aparecem armados em teoria. Como numa sementeira difusa, fertilizam por toda parte o numeroso campo de seus estudos. Se o crítico era duro com os autores, por vezes até implacável nas suas reservas ou epigramas, sabia ser maneiroso no trato com as idéias e construções doutrinárias.” COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Global, 1989. p. 56.

A tarefa de Veríssimo, dessa forma, não é apenas de acompanhar através dos tempos o percurso de um objeto chamado literatura, a partir de uma definição comum para todas as épocas, “literatura como arte literária” segundo Veríssimo. É também preservar uma seleção de obras que “evoluem” para a representação de uma autonomia entendida como o rompimento dos vínculos com a metrópole e, conseqüentemente, a concepção de uma identidade própria para a cultura brasileira. Essa identidade, por sua vez, estaria atrelada aos princípios da crítica de Brunetière — julgamento, classificação e explicação — cujo modelo literário, voltado para a tradição francesa, valoriza os ideais morais e clássicos do passado através de posições-chave para o crítico: editor-chefe na **Revue des Deux Mondes**, professor da École Normale e membro da Academia Francesa.

Brunetière desenvolve uma visão pragmática da crítica e da história literária cujo papel deveria focalizar as obras literárias em si mesmas. Veríssimo utiliza-se dos três conceitos de Brunetière ao estabelecer que o julgamento deve isentar-se de qualquer preferência pessoal, impressão ou prazer subjetivo. Para o crítico francês, a crítica não deveria ser formada por uma rígida estrutura sistemática porque correria o risco de tornar-se um ramo do conhecimento social, mas ter um arcabouço teórico que sustentasse concepções literárias e artísticas. Outra lição de Brunetière resgatada por Veríssimo se refere aos pressupostos de uma teoria da história literária capaz de recortar o passado através das obras e escritores mais importantes e não a partir da formação de uma história da literatura confundida com um dicionário literário ou com uma história dos costumes. Conforme Brunetière:

Literatura, diríamos, move-se por ação e reação, convenção e revolta. Esse movimento não é, decerto, automático, mas resultado de forças humanas; uma obra original muda a direção do desenvolvimento; uma obra

convencional o continua ou o repete. A individualidade adquire assim um enorme papel histórico nesse esquema de um bom neoclássico; assim, a individualidade “introduz na história literária algo que não existia antes, que não existiria sem ela, que continuará depois dela.”¹⁶

A lição sobre o cânone, conforme Brunetière descreve acima, também servirá de parâmetro para as escolhas de Veríssimo ao montar sua **História da literatura brasileira**. É importante salientar que o conceito de evolução de Brunetière valoriza o “momento”, ou ponto de mudança, do aparecimento de uma obra singular inserida num “mapa geral” da evolução literária. Ao escrever sua **História** num momento de mudanças na estrutura da sociedade brasileira, em que se tem a definição de uma sociedade industrial, tecnocientífica e urbana, Veríssimo valorizará o “momento passado” como modelo estético para a recuperação de um ideal clássico de literatura.

O resultado da influência de Brunetière no pensamento de Veríssimo é a elaboração de uma história da literatura construída segundo uma herança cultural nacional filiada ao contexto do século XIX, que servirá como ponto de apoio para futuros historiadores. O ideal do crítico, portanto, seria apresentar uma totalidade de escritores e obras articuladas através da inter-relação de elementos estéticos, históricos, sociais, culturais e filosóficos.

Apesar de estar em contato com várias teorias e estéticas, José Veríssimo busca, em sua **História**, uma totalidade orgânica que entrelaça um ideal universal de beleza à manifestação de um espírito nacional original e independente. A constante busca por uma renovação

¹⁶ Cf . WELLEK, René. **História da crítica moderna**: 1750-1950. São Paulo: Herder; Editora da Universidade de São Paulo, 1972. volume IV. p. 63.

de idéias e teorias, como define Heron de Alencar¹⁷, ou o amadurecimento do crítico através da distinção das três fases do crítico paraense feita por João Alexandre Barbosa¹⁸, mostram José Veríssimo estabelecendo uma conexão entre a formação de uma história liberal, calcada nos ideais da filosofia e arte clássica, e uma história da nação brasileira que tem como princípio a definição de um povo e uma cultura independente e original. De certa forma seria a comprovação do resultado de um processo civilizatório que transforma a colônia em república independente.

Carregado de tensões, o campo social está integrado ao campo intelectual na formação da identidade nacional: na primeira metade do século XIX a identidade nacional estava ancorada na noção de pátria, povo, língua e território. Na segunda metade do século XIX, as questões de raça e meio geográfico estão interligadas aos ideais de nação e construção da cultura brasileira. Essa construção, no caso de Veríssimo, será solidificada através da definição de um cânone literário que considera o Rio de Janeiro como o representante ideal da cultura nacional.

¹⁷ ALENCAR, Heron. Sobre José Veríssimo. In: VERISSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 4a. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963. 319p.

¹⁸ Segundo João Alexandre Barbosa a produção intelectual de José Veríssimo está dividida em três fases distintas. De 1878 a 1890 resulta a atividade provinciana do escritor em que a combinação de método etnológico e critério de nacionalidade serve como parâmetros para a análise da literatura e sociedade brasileira. A segunda fase é marcada pela vinda de Veríssimo para o Rio de Janeiro, definindo sua participação na vida intelectual carioca como crítico literário, como professor e como editor. A segunda fase situa-se entre 1891 a 1900.

A terceira fase do crítico inicia-se em 1901 e termina em 1916. É nessa fase que, segundo João Alexandre Barbosa, o crítico paraense aspira “por uma especificidade da crítica literária e o intuito de participação, enquanto homem de letras, na vida nacional”. Cf. BARBOSA, João Alexandre. *Op. cit.* 255p.

TURBILHÃO DE IDÉIAS EM TUMULTO

Sintetizando suas preocupações intelectuais, José Veríssimo cria alguns pressupostos para sua **História**: a literatura brasileira é independente e reflete o pensamento de um povo porque adquiriu uma certa autonomia lingüística que cria obras com características inerentes a uma nação independente. A literatura brasileira é formada por dois períodos (colonial e nacional) que se vinculam ao “desenvolvimento” da sociedade brasileira.

Literatura é arte literária: essa definição de Veríssimo será o ponto de partida para a utilização de um instrumental crítico que fará a separação entre uma visão histórica da literatura, presente no período colonial, de uma visão estética da literatura. Assim sendo, a **História** segue um caminho cronológico que expõe a “marcha” da literatura nacional a partir da “seqüência natural dos fatos literários”¹⁹ vinculados à “evolução” literária nacional, através da articulação entre o ponto de vista estético e o histórico em que os escritores são divididos em “singular individualidade” ou “subsidiários”. O resultado de tal compreensão, por parte de Veríssimo, é a idéia de que “desenvolvimento implica formação e vice-versa”²⁰ porque, a partir do Romantismo, a literatura brasileira sofre novos contatos e novas reações; a literatura é formada pela inter-relação entre leitor/obra/público. Os escritores selecionados por José Veríssimo, dessa forma, nasceram no Brasil e a história da literatura deve estar preocupada apenas com aqueles escritores que sobrevivem na memória coletiva da nação.

Outra característica importante para a seleção dos escritores que compõem a **História da literatura brasileira** é a definição de que, isolada ou em relação ao seu meio e seu tempo, a obra literária deve

¹⁹ VERÍSSIMO, José. Op. cit. p.34.

²⁰ VERÍSSIMO, José. Op. cit. p. 25.

possuir “virtudes de pensamento e de expressão”²¹ possuir um interesse permanente e dar prazer intelectual aos leitores.

Esses pressupostos entrelaçam-se na busca de uma justificativa e significação para a obra de Veríssimo no contexto do século XIX. Não é por acaso, portanto, que o crítico inicia sua “Introdução” delineando o processo de emancipação cultural do Brasil:

A literatura que se escreve no Brasil é já a expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem mais com o português, e em forma que, apesar da comunidade da língua, não é mais inteiramente portuguesa. É isto absolutamente certo desde o Romantismo, que foi a nossa emancipação literária, seguindo-se naturalmente à nossa independência política. Mas o sentimento que o promoveu e principalmente o distinguiu, o espírito nativista primeiro e o nacionalista depois, esse veio formando desde as nossas primeiras manifestações literárias, sem que a vassalagem ao pensamento e ao espírito português lograsse jamais abafá-lo. É exatamente essa persistência no tempo e no espaço de tal sentimento manifestado literariamente, que dá à nossa literatura unidade e lhe justifica a autonomia.²²

As palavras de Veríssimo demonstram sua persistência em valorizar o processo de formação da literatura brasileira a partir da criação de uma cultura peculiar ao Brasil e de uma língua, que se altera em contato com o meio e diversas culturas e, assim, sofre as modificações de seu tempo e espaço. Para o crítico, sua **História** representa a unidade de uma literatura que adquiriu características próprias e autonomia suficiente para selecionar aqueles escritores mais

²¹ VERÍSSIMO, José. Op. cit. p. 33.

²² VERÍSSIMO, José. Op. cit. p. 23.

representativos — seja do ponto de vista histórico, seja do ponto de vista estético — delimitando o campo de ação do crítico.

Veríssimo pensa o Brasil segundo os postulados de uma **História da literatura brasileira** comprometida com o processo de desenvolvimento da nação e sistematização cronológico-interpretativa em que a miscelânea de fontes utilizadas cumpre o papel de explicar o desenvolvimento das letras no Brasil.

Assim sendo, a definição da crítica literária enquanto gênero e como instância mediadora entre o público e o escritor, estabelece um poder centralizador capaz de vincular a literatura aos demais ramos do conhecimento, como define José Veríssimo²³, e aliar a história da literatura brasileira ao incremento das artes e ao desenvolvimento do meio; *nosso progresso literário, correlacionado com a nossa evolução nacional*.²⁴

Gradativamente, a **História** vai abandonando o critério de nacionalidade, herdado da crítica romântica, substituindo-o por noções estéticas que colocam a literatura nacional no plano universal. Aliado a essa valorização da “universalidade” da literatura nacional se constrói o campo de ação do crítico literário e a especialização do discurso sobre a literatura. É importante notar, também, que para o crítico a literatura brasileira vai abandonando a valorização das “escolas literárias” em nome de “individualidades literárias”. Seguindo os postulados de Gustave Lanson, que seleciona escritores e obras articulados a fatos históricos e literários sob a forma de um manual, construindo um modelo ideal de

²³ Como quer que seja, operou-se um salutar movimento de reação e houve manifesto alargamento do nosso espírito literário e do nosso espírito em geral. Começou-se a compreender que a crítica tinha um papel distinto e uma função necessária na literatura e a abandonar os seus processos puramente retóricos por outros em que entravam novos elementos de consideração na apreciação das obras literárias, a história, a psicologia, a etnografia, a sociologia, a política, enfim quanto atuava os escritores e os podia explicar as suas obras. VERÍSSIMO, José. **Historia da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1º milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916. p. 276.

²⁴ VERÍSSIMO, José. **Historia da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1º milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916. p. 35.

história da literatura que mistura generalizações históricas, perfis psicológicos e julgamentos críticos que servirão como padrão para muitos outros críticos. José Veríssimo busca superar o modelo naturalista. João Alexandre Barbosa, dessa forma, estabelece que Veríssimo buscava uma linguagem crítica de superação:

Incorporando à sua reflexão as linhas essenciais do impressionismo francês sem que fosse possível, contudo, instaurar uma linguagem crítica de superação no nível estrutural, acabava por pôr em xeque, através de uma vívida impossibilidade de redução crítica, as categorias estético-literárias que fundamentavam quer a crítica, quer a história literária.²⁵

Reestruturando alguns conceitos de Taine como o da “representatividade”, que para Lanson será chamado de “descrição das individualidades”, Veríssimo rejeita parcialmente a tríade taineana, dúvida das teorias de Brunetière, procurando destacar a “individualidade” dentro da obra literária a partir de critérios realistas, racionalistas e clássicos.

Fiel ao modelo lansoniano, Veríssimo exclui da **História** os escritores simbolistas por considerar temeroso avaliar aqueles escritores que ainda não se consolidaram na literatura brasileira e não sofreram um certo refinamento do tempo.

Assim como a **Histoire** de Lanson, a obra de Veríssimo representa um acúmulo de experiências que devem ser comunicadas a um público acadêmico como síntese da erudição literária conquistada no decorrer do tempo e do ofício. Outra simetria entre Lanson e Veríssimo é que ambos articulam o pensamento de vários outros críticos, reformulando idéias e conceitos, cujo resultado é a elaboração de um discurso próprio que

²⁵ BARBOSA, João Alexandre. **A tradição do impasse**: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo. São Paulo: Ática, 1974. p. 155.

dialoga com muitas teorias. De certa forma, a crítica de Lanson recupera conceitos de Taine, Sainte-Beauve, Brunetière, entre outros, construindo um método crítico que mantém uma dialética com seus antepassados.

Obra de síntese, a **História da literatura brasileira** representa o remate de uma experiência histórico/literária que utiliza-se de várias fontes para a relativização das teorias científicistas. Como define Veríssimo:

Mas, como a ciência ou as filosofias presumidas de científicas, que iam desde o positivismo de Comte ao cientismo (sic) ou intelectualismo de Taine e Renan e o evolucionismo de Spencer, sem falar em pontifícias e capelas menores, não houvessem satisfeito as esperanças que despertaram, e umas e outras, a despeito do fundamento comum que se atribuíam, se contradissem e combatessem, continuou no mundo filosófico a mesma confusão e incerteza que trinta séculos de metafísica não haviam podido remediar.²⁶

Este fragmento, presente em uma das últimas obras de José Veríssimo, **Letras e literatos**, publicada postumamente em 1936, demonstra, de maneira resumida, a formação filosófica de Veríssimo e sua procura por caminhos que melhor pudessem definir o objeto literário e suas especificidades.

Quando escreve sua **História da literatura brasileira**, José Veríssimo estabelece que a literatura não deve ser vista isoladamente no tempo e no espaço, mas em consonância com o meio que a produz e as obras que compõem a tradição literária. A literatura seria um reflexo de seu povo e por isso estaria condicionada a determinantes

²⁶ VERÍSSIMO, José. **Letras e literatos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1936. p.140.

sociais.²⁷ Ao abordar, por exemplo, os aspectos literários do século XVIII, estabelecendo relações entre a literatura e a sociedade da época, Veríssimo afirma:

A literatura dessa época, tomada a expressão do seu mais lato sentido, revela a formação vagarosa e ainda obscura mas certa de uma gente que começa a ter o sentimento de si mesma, que dá provas de inteligência e capacidade mental e que, tendo a opinião da excelência da sua pátria, não tardará muito que não entre a pensar na sua autonomia política. O estímulo daquilo que, na obscuridade dos seus rincões pátrios, escreviam e guardavam esses historiógrafos desinteressados e modestos, andaria já recôndito no sentimento popular. É por isso que, sem embargo da sua formação portuguesa, e do seu respeito e apego às tradições espirituais da metrópole, os poetas brasileiros das últimas décadas do século XVIII foram, com espontaneidade que lhes aplica a distinção, os intérpretes de tal sentimento. Fato significativo, a poesia de então, pelo estro de Santa Rita Durão, propõe-se claramente a cantar o Brasil com a mesma intenção patriótica com que Camões cantara Portugal.²⁸

A **História**, de Veríssimo, compõe um modelo canônico orientado pela busca de “grandes obras” e “grandes escritores” que, de certa forma, projetam sua originalidade sobre a produção do período posterior

²⁷ “É obvia, para os que consideram a literatura como um fato social, e sob seu aspecto histórico, a necessidade de um profundo conhecimento dos documentos literários, da época, do meio, do momento em que apareceram, para a constituição de uma história do seu desenvolvimento. Um exemplo, porém, não será demais, e é o da dificuldade que presentemente temos de assentar em razões incontestáveis as grandes divisões da nossa história literária; e não quero maior prova disso do que o vago, o incoerente, o impreciso, o incongruente das divisões feitas pelos diferentes autores.” VERÍSSIMO, José. **A História da literatura brasileira**. In: ————. **Estudos de literatura brasileira**: 6^a. série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977. p. 12.

²⁸ VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1^o milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia., 1916. p. 99.

criando, em conjunto, uma coleção atemporal e a-histórica que representa a memória coletiva da nação brasileira. Como crítico e como leitor, Veríssimo estabelece um aprofundamento nas questões que envolvem a construção do pensamento literário brasileiro, recepção e adaptação das fontes literárias que influenciam o pensamento nacional. Segundo João Alexandre Barbosa:

A posição assumida por Veríssimo resultava numa divisão de águas fundamental: de um lado estava o país, a sua estrutura social, política e econômica corroída pelos primeiros momentos de vida republicana; de outro lado, estava o intelectual que refletia sobre esta mesma estrutura, recusando-a como favorável à criação e jogando num posterior renascimento fundado na desvinculação que o tempo haveria de possibilitar. Quanto ao presente não havia alternativa: era assumir uma posição de pessimismo quanto às suas realizações e considerá-lo apenas como estágio de transição para o que, talvez, houvesse de surgir no futuro.²⁹

Adotando posições diversas, no decorrer de sua carreira, Veríssimo, nos **Estudos brasileiros** (1877-1885), acredita que a literatura é *sinônimo de todas as manifestações de ordem intelectual* — num consenso com Sílvio Romero que entendia a crítica como uma atividade voltada para as:

Manifestações espirituais da nação, estudando o meio, as raças, o folclore, as tradições, tentando elucidar os assuntos nacionais à luz da filosofia superior do

²⁹ BARBOSA, João Alexandre. **A tradição do impasse**: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo. São Paulo: Ática, 1974. p. 129.

evolucionismo spenceriano, procurando uma explicação científica da nossa história e vindo encontrar no mestiçamento (físico ou moral), a feição original da nossa característica.³⁰

Algum tempo mais tarde, Veríssimo, em sua **História da literatura brasileira**, utilizará um critério restrito: *literatura é arte literária*. Para esta última definição a leitura de Renan, e a compreensão do talento como *única medida da obra literária*, é relevante para José Veríssimo.

Ao conceituar literatura como sinônimo de “arte literária”, Veríssimo desvincula-se do simples compromisso em ratificar uma ou outra teoria em voga no século XIX, procura um *dialogismo* entre várias correntes que buscam definir o papel da literatura como texto ou vinculada ao seu contexto. Para tanto, Veríssimo terá o modelo de Gustave Lanson, cuja crítica professoral vinculada a vários outros historiadores como Taine, Scherer, Brunetière, entre outros, constrói um fio de continuidade e organicidade a um objeto descontínuo por excelência.

Assim sendo, tanto para Lanson quanto para seus discípulos, existe uma rede de conexões entre a narração cronológica, a evolução dos gêneros e a valorização de “individualidades estéticas” através de capítulos com esquemas de ensaio monográfico, que são adaptados ao pensamento nacional por meio de uma prática de leitura que ratifica a união entre literatura e sociedade pelo desenvolvimento do sentimento nacional. Tal prática de leitura torna-se, contudo, um paradoxo para o conceito de leitura, ou de literatura, como simples entretenimento porque procura ratificar a organização de um cânone literário que representa uma determinada sociedade e suas ideologias.

José Veríssimo cria um conceito de leitura/literatura que institucionaliza o processo artístico, como forma de uma atividade

³⁰ ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. 3ª. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. tomo V, p. 441.

intelectual ao reconstituir a história, traçar o nascimento e desenvolvimento do sentimento nacional brasileiro e criar um roteiro poético, científico e filosófico de 1601 a 1908. Essa reconstrução, no entanto, fará com que Veríssimo selecione aqueles escritores que possuam “valor efetivo e permanente”:

Não existe — diz Veríssimo — literatura de que apenas há notícias nos repertórios bibliográficos ou quejandos livros de erudição e consulta. Uma literatura, e às modernas de após a imprensa me refiro, só existe pelas obras que vivem, pelo livro lido, de valor efetivo e permanente e não momentâneo e contingente. A literatura brasileira (como aliás sua mãe, a portuguesa) é uma literatura de livros na máxima parte mortos, e sobretudo de nomes, nomes em penca, insignificantes, sem alguma relação positiva com as obras. Estas, raríssimas são, até entre os letrados, os que ainda as versam. Não pode haver maior argumento da sua desvalia.³¹

O crítico, dessa forma, reduzindo o número de escritores do cânone proposto, em 1888, por Sílvio Romero, em sua **História da literatura brasileira**, criará um roteiro, ou um sistema de pensamento, no qual as obras literárias formam um “organismo vivo” e independente da literatura portuguesa.

Além de Lanson — as formas do belo podem ser variáveis — e Taine — com seu conceito de ciência histórica —, as posições de Brandes — crítica histórica, valorização das literaturas nacionais —, Brunetiére — que propõe uma hierarquia literária para a escolha dos principais autores de um país, o espírito de época, a evolução dos

³¹ VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1^o milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916. p. 32.

gêneros — e Sainte-Beuve — com sua crítica pessoal — são importantes para a formação crítica de Veríssimo. Como escreve Heron de Alencar, *uma obra como a de José Veríssimo só pode resultar de um longo, humilde e paciente trabalho de pesquisa e de estudo.*³² Para Veríssimo, em sua **História**, deve-se conceituar a crítica:

Como um ramo independente da literatura, o estudo das obras com um critério mais largo que as regras da retórica clássica, e já acompanhado de indagações psicológicas e referências mesológicas, históricas e outras, buscando compreender-lhes e explicar-lhes a formação e a essência, essa crítica derivada aliás imediatamente daquela, pelo que lhe conservou alguma das feições mais antipáticas, nasceu com o romantismo.³³

Veríssimo utiliza-se de muitos pressupostos — como a valorização de individualidades estéticas, do interesse permanente na obra de determinados escritores, na valorização dos escritores mais representativos, entre muitos outros — definindo os caminhos para a construção de um pensamento crítico voltado para a elaboração de um cânone literário que fosse “quantitativo” e “qualitativo”. Nesse sentido as idéias de Veríssimo aproximam-se das de Capistrano de Abreu que, em ensaio de 18 de dezembro de 1875, publicado no jornal *O Globo*, afirma:

Há dois métodos de critica em literatura: o método qualitativo e o método quantitativo. O primeiro considera o *produto* e fixa-lhe o valor apelando para uma idealidade. O segundo

³² ALENCAR, Heron de, *Op. cit.* p. XXVI

³³ VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1º milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia., 1916. p. 272.

considera o *processo*, o característico, os antecedentes da realidade. Um julga; outro define. Aquele procura a beleza e a perfeição; este procura o estado psíquico e social.³⁴

Assim como Capistrano de Abreu, Veríssimo atuará como um historiador preocupado em compreender o processo de formação cultural do Brasil, inserindo-o num contexto multifacetado. Na inter-relação entre o processo artístico e o processo sócio-histórico resulta a definição de um método que atrela aspectos qualitativos a aspectos quantitativos que formam um processo de formação na inteligência nacional.

Aproveitando-se das idéias de George Brandes, que aliava aspectos históricos e estéticos na composição da obra literária, Veríssimo salienta:

Considerado sob o aspecto simplesmente estético como uma obra de arte, um livro é um todo que se contém em si mesmo e por si mesmo existe sem nenhuma ligação com o mundo que o rodeia. Encarado, porém, do ponto de vista histórico, um livro, por mais perfeita e completa obra de arte que seja, é somente um pedaço tirado de uma peça de fazenda infinitamente contínua.³⁵

José Veríssimo, entusiasmado com as idéias de George Brandes, adotará o cruzamento entre valorização estética — o que algum tempo depois T.S. Eliot chamará de *talento individual* — e ponto de vista histórico — *tradição* — para selecionar os escritores mais importantes da **História da literatura brasileira** e formar a continuidade

³⁴ ABREU, Capistrano de. A literatura brasileira contemporânea. In: ————. **Ensaio e estudos**: 1^a série. 2^a edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975. p. 35.

³⁵ VERÍSSIMO, José. Um crítico dinamarquês. In: ————. **Que é literatura? e outros escritos**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1907. p. 167.

estético/histórica que acompanha suas escolhas. As teorias de Brandes, cuja história literária é uma indagação histórico-psicológica, representa o amadurecimento de várias correntes críticas que serviram de sustentação para o pensamento de Veríssimo: Hegel, Augusto Comte, Stuart Mill, Sainte-Beuve, Renan e Taine. Correlacionando suas fontes, na sistematização de seu cânone literário, José Veríssimo não faz uma crítica puramente *impressionista*, mas procura traçar relações entre o contexto histórico e a formação literária do Brasil:

História da literatura de um país e história literária do mesmo não são, a meu ver, exatamente a mesma coisa, e era evidente para todo o espírito aliado e desprevenido que escrevendo aquela frase eu intencionalmente distinguia as duas coisas. Há nas obras escritas de um povo uma cópia enorme de produções que fazendo parte da sua história literária, que é a história de quanto ele escreveu, ainda com interesse prático e sem mira de provocar uma emoção, ou de exprimir a beleza, e sem a generalidade que constitui a obra de pura literatura, não fazem parte da história desta. A história de uma literatura deve, penso eu, e parece-me esta é a compreensão comum, compreender somente o que é literatura, isto é, segundo um escritor francês, “todas as obras inspiradas principalmente pelo intuito de comunicar a outro uma emoção desinteressada” ou, como disse excelentemente o malogrado crítico português Moniz Barreto, as que têm como caráter “a generalidade de pensamento e a generalidade de expressão”.³⁶

Discordando de Sílvio Romero, seu ponto de referência durante muito tempo, José Veríssimo delineia princípios mais precisos para a

³⁶ VERÍSSIMO, José. Sobre alguns conceitos do Sr. Sílvio Romero. In: ————. **Que é literatura? e outros escritos**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1907. p. 243-4.

crítica e história literária. O *senso de relatividade* de José Veríssimo usará uma diversidade teórica para construir um cânone literário que acompanha o desenvolvimento da literatura nacional em consonância com a formação da nação brasileira. De acordo como João Alexandre Barbosa:

José Veríssimo terminava apontando exemplarmente a condição de impasse do intelectual brasileiro que, depois da transformação republicana, procurasse formular uma linguagem de compreensão e análise do país: a desilusão para com o novo poder político e a invenção de uma linguagem que não apenas o tornasse distante, como a irônico/cética, mas que a incorporasse criativamente.³⁷

José Veríssimo buscará em suas fontes aquelas idéias que ratificam a criação de uma tradição literária brasileira desde Bento Teixeira até Machado de Assis, passando da dependência para a consolidação de um pensamento distinto e original. Assim sendo, observe a afirmação do crítico paraense, em conferência na Biblioteca Nacional no dia 26 de setembro de 1912, reunida nas páginas dos **Últimos estudos de literatura brasileira**, ao se referir à tradição literária nacional:

A regra aqui não é desconhecer e negar o que fizeram os nossos antepassados e o que por acaso lhe devemos. Não há mofino rabiscador literário, fútil verzejador de estafados temas de amor, escrevinhador medíocre de contos e novelas arremedados do francês que não se persuade candidamente que a literatura brasileira recomeçou com ele, e que tudo o que ficou atrás é miserável e indigno de leitura, ou como se não existisse. Não é preciso insistir nas funestas

³⁷ BARBOSA, João Alexandre. *Op. cit.* p.129.

conseqüências, para a constituição definitiva de uma característica literária nacional, desta falha, que é ao mesmo tempo mental e moral.³⁸

Segundo José Veríssimo, os valores literários estão ligados aos valores sociais e, por assim dizer, suas leituras críticas tentam dinamizar um *continuum* processo de busca da significação da literatura para a sociedade e, por conseguinte, a efetivação de um cânone literário nacional que demonstre a *evolução* das letras brasileiras. Essa “evolução” toma forma na **História da literatura brasileira** porque esta será o ponto de união entre todos aqueles critérios que serviam de ingredientes para a crítica de Veríssimo: etnologia, nacionalismo, arte literária, influências estrangeiras, Machado de Assis, impressionismo, experiência como crítico de jornal e professor, entre outros.

O crítico procura, portanto, evidenciar uma linha na literatura brasileira, cuja relação texto e contexto, construa perspectivas tanto nacionalistas — etnologia, cor local, sentimento nacional — quanto universalistas — arte literária, impressionismo, diálogos críticos — redundando num amplo processo de entendimento e interpretação da realidade cultural e social do Brasil.

A influência do meio é diluída na **História da literatura brasileira**, assim como o processo de formação do caráter nacional brasileiro, formando o arcabouço para a definição das obras literárias mais representativas do cânone literário nacional. Como exemplo pode-se citar o capítulo dedicado a Gregório de Matos — capítulo IV — no qual o crítico destaca a importância do poeta, *precursor do nosso nacionalismo* — porque este retrata a sua sociedade, ao mesmo tempo, que sofre um processo de “mestiçagem”: Como propõe Veríssimo:

³⁸ VERÍSSIMO, José. A nossa evolução literária. In: ————. **Últimos estudos de literatura brasileira**: 7^a. série. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p.55

O capadócio que era de índole e condição, achou na sua terra onde expandir os seus instintos nativos se não atávicos, influídos de mais a mais pelo meio. Gregório de Matos é a mais perfeita e mais ilustre expressão desse tipo essencialmente nacional, do qual foi e continua a ser a Bahia a fecunda progenitora, o capadócio.³⁹

Preso ainda ao conceito romântico do *sentimento da nacionalidade*, Veríssimo caracteriza a influência do meio como determinante na busca por um *sentimento de universalidade* que só seria completamente alcançado por Machado de Assis. No entanto, ao retratar a obra de Machado de Assis, o crítico acredita que o critério nacionalista não deve ser o critério único para a apreciação artística e sim o “talento”. Como o crítico define: *estreitaríamos demais o campo da atividade literária dos nossos escritores se não quiséssemos reconhecer no talento com que uma obra é concebida e executada um critério do seu valor, independente de uma inspiração mais pegada à vida nacional.*⁴⁰

Assim sendo, José Veríssimo não procurava filiações filosóficas que delimitassem seu campo de ação, sendo, dessa forma, um livre-pensador que norteava suas idéias por uma mistura de caminhos teóricos provocando, segundo João Alexandre Barbosa:

O desvinculamento do escritor com relação ao tempo histórico por ele experimentado, contribuía para uma especificação individualizante de sua atividade (bom gosto, sensibilidade, impressão pessoal, etc), possibilitando o exercício da crítica como conjunto inarticulado de *insights* que, a longo alcance, acabaria por constituir um esquema de avaliação certamente bem

³⁹ IDEM, p.79

⁴⁰ VERÍSSIMO, José. O Sr. Machado de Assis. In: ————. **Estudos brasileiros** (1889-1893): 2^a. série. Rio de Janeiro: 1894. p. 198-9.

mais interno do que aquele do naturalismo contra o qual se voltava. E é mesmo este o grande impasse com que teve de se haver Veríssimo na história de impasses que parece ser a sua obra: o de querer ajustar uma ótica de análise interna ao desejo de não se desvincular das preocupações culturais mais amplas, sem alcançar fundir, num processo de interpretação integral, texto e contexto.⁴¹

Deste modo, as fontes européias, que serviram de base para José Veríssimo, são interligadas com as três fases do crítico — propostas por João Alexandre Barbosa — e refletem a busca, e a inter-relação do que seja crítica literária, cultura nacional e literatura:

É neste sentido que a obra por ele publicada a partir de 1901 vai refletir a dualidade (freqüentemente explicitada em dicotomia pura e simples) que a sustenta basicamente: a aspiração por uma especificidade da crítica literária e o intuito de uma participação, através das Letras, na vida nacional.⁴²

E nada melhor para exemplificar essa dualidade que a restauração em 1895, feita por José Veríssimo, da **Revista Brasileira** (terceira fase), em cujas reuniões é criada a Academia Brasileira de Letras (1897). O caminho crítico de Veríssimo — da negação dos rígidos pressupostos teóricos propostos pela geração de 70, até a escolha de uma linguagem, modulada por *insights*, que valorizam a “arte literária” — é um modo de relacionar o escritor e a sociedade brasileira. E, se por um lado a Academia Brasileira de Letras representa uma instituição de acordo com o modelo da Academia Francesa, por outro ela representa a valorização das tendências estéticas e a profissionalização do escritor brasileiro.

⁴¹ BARBOSA, João Alexandre. *Op. cit.* p.155.

⁴² BARBOSA, João Alexandre, *op. cit.* p.155

Tanto Sílvio Romero quanto Veríssimo constroem obras nas quais o aspecto literário está relacionado ao social e ao político e, à maneira de Comte, a formação do pensamento condiciona as transformações da sociedade.

A relação meio/cultura, presente nos capítulos da **História**, pode ser vista como a influência de Spencer e sua *lei da diferenciação progressiva* esboçada como o aperfeiçoamento indefinido da cultura e do meio local. Segundo Veríssimo, a originalidade de um escritor está condicionada às *imposições inconscientes de seu passado e do seu meio*.⁴³ Tais imposições ligam-se à interpretação da literatura nacional a partir de critérios locais. Apesar da “mestiçagem” das idéias européias, segundo Veríssimo, *uma cultura quaisquer que sejam os socorros do estrangeiro, só se faz com o gênio nacional*.⁴⁴

Entre 1901 e 1916, portanto, o pensamento crítico de Veríssimo coloca em dúvida as posições da “geração de 1870” e cria um novo modelo de reflexão crítica. Esse novo modelo é delineado nas páginas dos **Estudos de literatura brasileira** (6 séries), **Homens e coisas estrangeiras**, **O que é literatura?** e **outros escritos** e, principalmente, na **História da literatura brasileira**.

A “Introdução” da **História** define os critérios do crítico a partir da separação das obras mais representativas da literatura brasileira, da evolução literária — *marcha da nossa literatura* — da construção do sentimento de nacionalidade — nativismo, mestiçagem, nacionalismo, universalidade —, influência do meio, continuidade da inspiração e tradição literária no decorrer do tempo, emancipação literária do Brasil e aparecimento dos novos gêneros e novas influências na literatura brasileira. Todas essas variantes são interligadas para formar um

⁴³ VERÍSSIMO, José. **Homens e coisas estrangeiras**. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. v. 1. p. 59.

⁴⁴ VERÍSSIMO, José. **Estudos de literatura brasileira**: 3^a. série. Rio de Janeiro: Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977. p.89.

conceito de literatura, e principalmente de história da literatura, que mostra uma inovação em relação ao passado crítico/literário nacional. Antes de José Veríssimo, existia apenas o conceito de construção de história da literatura a partir de uma visão quantitativa e diacrônica que deveria incluir todos os escritores que colaboraram para a cultura brasileira. Veríssimo trata a literatura a partir da profissionalização do escritor atribuindo *valor* à obra literária.⁴⁵ Sobre o papel da crítica literária Antonio Candido sugere:

Toda crítica viva — isto é, que empenha a personalidade do crítico e intervém na sensibilidade do leitor — parte de uma impressão para chegar a um juízo, e a história não foge a esta contingência. Isto não significa, porém, impressionismo nem dogmatismo, pois entre as duas pontas se interpõe algo que constitui a seara própria do crítico, dando validade ao seu esforço e seriedade ao seu propósito: o trabalho construtivo de pesquisa, informação e exegese.⁴⁶

O trabalho construtivo de Veríssimo pode ser compreendido através da montagem da **História** a partir da reutilização de vários artigos e ensaios que, reformulados, fundidos, ratificados, compõem o eixo principal da obra de Veríssimo. O crítico constrói uma história da literatura como um “produto” de sua carreira, refinando seus pontos de

⁴⁵ “Seja qual for o nosso parecer sobre o valor da obra literária, isolada ou em relação com o seu meio e tempo, prevalece a noção do senso comum que em todo caso ela precisa de virtudes de pensamento e de expressão com que logre a estima e agrado geral. A que não as tiver é obra de nascença morta. As qualidades de expressão, porém, não são apenas atributos de forma sob o aspecto gramatical ou estilístico, senão virtudes mais singulares e subidas de íntima conexão entre o pensamento e o seu enunciado. Não é escritor senão o que tem alguma coisa interessante do domínio das idéias a exprimir e sabe exprimi-la por escrito, de modo a lhes aumentar o interesse, a torná-lo permanente e dar aos leitores o prazer intelectual que a obra literária deve produzir. VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1º milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia., 1916. p. 33.

⁴⁶ CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 5ª. edição. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975. p. 32.

vista a partir da leitura constante de teóricos estrangeiros e integrando as principais instâncias e instituições que formavam o gosto literário da época. Veríssimo não dá importância aos primeiros cem anos de literatura brasileira, excluindo tudo que vem antes de Bento Teixeira, por considerar que o Brasil, nesse período, era apenas uma precária extensão de Portugal nos trópicos.

Por outro lado, a partir de 1601 o Brasil começa a ter contato com outras culturas e, iniciando um processo de nova configuração histórica, principia a formação de um campo intelectual mais amplo e universal. O trabalho de Veríssimo adquire um caráter de pesquisa, informação e exegese porque, distanciando-se do simples impressionismo, pensa a literatura nacional a partir de uma articulação literária, histórica e social.

Veríssimo constrói a memória da cultura nacional interligando todos os escritores escolhidos, através de alguns conceitos recorrentes — pensamento, sentimento, imaginação, sinceridade, poder de generalização, inspiração, expressão — que acompanham a transformação do sentimento da cor local em nacionalismo e universalismo.⁴⁷ Através de uma moldura metodologicamente determinista, Veríssimo desenvolve o conceito de “arte literária” para traçar duas variantes para a literatura brasileira — diferenciação e afirmação da autonomia nacional — a partir da separação do cânone em dois períodos — colonial e nacional — utilizando-se de uma postura historicista frente o processo de formação da cultura nacional em simetria com uma visão analítica dessa mesma formação. Ao estilo de Gustave Lanson, José Veríssimo constrói seu cânone

⁴⁷ “O apreço da terra, mesmo uma exagerada admiração dela, da sua natureza, das suas riquezas e bens, é uma impressão comum nos primeiros que do Brasil escreveram, estranhos e indígenas. Como veremos, será essa impressão que, fazendo-se emoção e estímulo de inspiração, imprimirá à nossa literatura o primeiro traço da sua futura diferenciação portuguesa. Não é desapropositado notar que a primeira manifestação do gênio literário brasileiro é um poema relativo a coisas da terra embora ainda sem emoção que lhe dê maior relevo e significação. VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. 1º milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia., 1916. p. 50.

tomando do positivismo a disposição cronológica dos fatos — literários ou históricos de Brunetière —, recolhe o estudo dos gêneros dentro das épocas; de sua atividade de professor e ensaísta constrói capítulos que se definem como pequenos ensaios monográficos sobre os escritores ou períodos mais importantes da história da literatura brasileira que, justapostos, ligam todos capítulos. Veríssimo define em sua **História** a passagem do puro historicismo, principalmente dos críticos românticos, à estética sendo, portanto, um ponto de amadurecimento que vislumbra a busca por uma crítica não mais exclusivamente nacionalista e sim cosmopolita.

Ao recortar os melhores escritores da literatura brasileira, em sintonia com o momento histórico que escreveram, José Veríssimo traça relações intra e extra-literárias que constituem a configuração do cânone no qual o crítico propõe estabelecer relações entre literatura e as condições geográficas, históricas ou sociológicas. Como o crítico afirma, em setembro de 1912, em conferência na Biblioteca Nacional:

Como quer que seja, a nossa literatura correspondeu sempre, desde seus princípios, ao momento histórico das suas manifestações, e exprimiu sempre, com mais ou menos vigor, com mais ou menos beleza, os sentimentos da nossa alma de brasileiro, nosso primeiro apego à terra, nosso ingênuo embevecimento dela, a nossa ambição de vê-la engrandecida e estimada, os nossos anelos de independência, o nosso contentamento e orgulho de povo livre, e sem discrepância, os nossos sentimentos liberais. Do ponto de vista acaso estreito, da pura arte literária, pode a sua importância desmerecer aos nossos olhos, mas sob o aspecto sociológico e como relevante fator da

cultura nacional e simultaneamente sua mais clara expressão, é, para nós ao menos, considerável.⁴⁸

A posição crítica definida acima foi pronunciada no mesmo ano da preparação da “Introdução” da **História** e demonstra o amadurecimento de Veríssimo frente ao *progresso literário, correlacionado com a nossa evolução nacional*.⁴⁹

Para Roberto Ventura a posição de José Veríssimo pode ser definida nos seguintes termos:

A posição de José Veríssimo introduziu tensão no tom empenhado e constante da “geração de 1870”. Enquanto Romero defendia a pregação de doutrinas pela crítica e polêmica, Veríssimo inverteu tal modelo, ao condenar, como infrutíferas as intervenções orientadas pelas paixões do momento, ou os compromissos estéticos ditados pelas contingências do presente. Desse modo, a crítica de Veríssimo se aproximou da ficção de Machado de Assis, seu objeto privilegiado. Ambos pensaram a literatura brasileira como expressão nacional dotada de caráter universal e propuseram uma consciência estética relacionada à profissionalização do escritor.⁵⁰

Para José Veríssimo, em sintonia com Machado de Assis, o objeto estético é intrínseco à obra literária, ao contrário dos críticos românticos que buscavam o literário como sendo formado por *fatores* do meio social. José Veríssimo rompe com essa posição e, em contraposição a Sílvio

⁴⁸ VERÍSSIMO, José. A nossa evolução literária. In:———. **Últimos estudos de literatura brasileira**: 7^a. série. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p.56-7

⁴⁹ VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1^o milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia., 1916. p. 35.

⁵⁰ VENTURA, Roberto, *Op. cit.* p. 119-120.

Romero, considera a literatura como sendo um *produto* das relações sociais, moldado de acordo com a individualidade do escritor.

O critério estético, e não o cronológico, histórico ou político, rege a divisão da **História da literatura brasileira** de José Veríssimo: período colonial e período nacional, ou seja, *aquele em que havia literatura no Brasil sem haver literatura brasileira, e aquele em que as letras, sendo, por definição brasileiras, podiam ser ou não ser literatura.*⁵¹ Além de organizar cronologicamente autores, obras e estilos, a história da literatura cumpre a função de ratificar o enlace entre literatura e história ou cultura e sociedade através do acompanhamento do desenvolvimento da consciência da nação brasileira. Como diz Veríssimo:

Outro caráter da crítica do século XIX é a sua unidade final. Filosófica, científica, estética, literária, histórica, religiosa, social, toda ela não só deriva da mesma concepção, mas se apóia no mesmo conjunto de conhecimentos de que o século foi, nos diferentes domínios da erudição ou da ciência, o principal criador. Nele se constituiu, com efeito, a filologia, a exegese bíblica, a antropologia, a etnologia, a lingüística, a arqueologia pré-histórica, e nele se fez o mais colossal trabalho de investigação sobre as origens históricas, étnicas, religiosas, estéticas, jurídicas, sentimentais, lingüísticas da humanidade. E todo este enorme labor da erudição e da ciência moderna, trabalho eminentemente crítico, a crítica o incorporou, o assimilou, fazendo-se, por assim dizer, uma com os seus resultados. A própria crítica puramente literária se transformou, apercebida de

⁵¹ MARTINS, Wilson. **A crítica literária no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v.1, p. 443. (grifos do autor)

saber, penetrada dos novos métodos filosóficos, do espírito científico do século e de preocupações sociais.⁵²

José Veríssimo percebe os novos rumos e influências da crítica e, utilizando-se de várias fontes para sua atividade, compreende a necessidade de novos caminhos teóricos para o seu ofício. A questão da construção estética serve, portanto, para delimitar as noções críticas de José Veríssimo em busca da constituição de um espírito nacional, no qual o crítico deve valorizar o *talento* e sua definição de *literariedade*. Assim sendo, a última fase de Veríssimo, e principalmente a sua **História da literatura brasileira**, pode ser considerada um momento de avaliação e reavaliação de seus próprios julgamentos. E aí reside um traço de simetria entre José Veríssimo e Machado de Assis, ambos acreditam em que *se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem de seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.*⁵³ Machado de Assis afirma ainda que a literatura deve sofrer os *açoites do tempo*, ou atualizar sempre o seu efeito pois:

Pelo que diz respeito às Letras, o nosso intuito é ver cultivado, pelas musas brasileiras, o romance literário, o romance que reúne o estudo das paixões humanas aos toques delicados e originais da poesia, — meio único de fazer com que uma obra de imaginação, zombando do açoite do tempo, chegue inalterável e pura, aos olhos severos da posteridade.⁵⁴

⁵² VERÍSSIMO, José. Sainte-Beuve. In: ————. **Que é literatura? e outros escritos**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1907. p. 127

⁵³ ASSIS, Machado de. Ideal do crítico. In: ————. **Crítica literária**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1938. p.135.

⁵⁴ ASSIS, Machado de. O culto do dever. In: ————. **Crítica literária**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1938. p.73. Publicado originalmente no **Diário do Rio de Janeiro**, 16 de janeiro de 1866.

O resultado dessa estruturação — sentimento íntimo e obra de imaginação — é a busca de um efeito literário, e não é em vão que Machado utilizou-se da definição *romance literário*, pois ela possui uma perenidade em relação ao tempo. Esta lição de Machado de Assis será tomada por José Veríssimo e estruturada na “Introdução” de sua **História da literatura brasileira**:

A história da literatura brasileira é, no meu conceito, a história do que da nossa atividade literária sobrevive na nossa memória coletiva de nação. Como não cabem nela os nomes que não lograram viver além do seu tempo também não cabem nomes que por mais ilustres que regionalmente sejam não conseguiram, ultrapassando as raias de suas províncias, fazerem-se nacionais. Esse conceito presidiu a redação desta história embora com a largueza que as condições peculiares à nossa evolução literária impunham. Ainda nela entram muitos nomes que podiam sem inconveniente ser omitidos, pois de fato bem pouco ou quase nada representam. Porém uma seleção mais rigorosa é trabalho para o futuro.⁵⁵

A sintonia, entre José Veríssimo e Machado de Assis, valoriza somente aqueles escritores que possuam originalidade ou aqueles escritores sobreviventes na *nossa memória coletiva de nação*. É a partir daqui que são geradas as *tensões* que fazem parte do pensamento crítico de José Veríssimo: história e literatura, literariedade e literatura brasileira, tradição e talento individual, o local e o cosmopolita, entre outras.

⁵⁵ VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1º milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia., 1916. p. 18.

Outro resultado dessa estruturação, por parte de Veríssimo, é a formação de uma periodização literária⁵⁶ que, se não resolve algumas dessas tensões, ao menos valoriza certos escritores que — como Machado de Assis — apontam para uma solução alternativa e equilibram todas essas tensões. Ao retratar o processo de formação da literatura brasileira, de 1900 a 1945, Antonio Candido define que:

Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução de nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos. Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar até uma língua diversa, ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus.⁵⁷

Do ponto de vista crítico, essa dialética representará para José Veríssimo, em sua **História da literatura brasileira**, três coordenadas que servirão para delimitar e direcionar o material com que o crítico montará os dezenove capítulos de sua obra magna. Simultâneas e complementares, essas coordenadas são: interesse estético, leituras universais e preocupação nacionalista.

Um dos índices mais seguros para se estudar essas tensões é, a partir dessas diretrizes, observar como José Veríssimo sumariza sua atividade crítica de vinte e cinco anos e mostra seu “aperfeiçoamento” na

⁵⁶ Uma divisão rigorosa, sistemática e lógica, científica, se posso dizer dos períodos em que necessariamente se reparte a história da nossa literatura, é a meu ver condição indispensável para lhe compreendermos o desenvolvimento, e para percebermos em síntese que reações sociais sofreu ou operou. Tem pois dupla importância teórica e prática, sob o aspecto didático, ao menos relevante, para toda a ordem de estudiosos. VERÍSSIMO, José. **A História da literatura brasileira**. In: ————. **Estudos de literatura brasileira**: 6^a. série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977. p. 13.

⁵⁷ CANDIDO, Antonio. **Literatura e cultura de 1900 a 1945**. In: ————. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. p. 131.

História da literatura brasileira, em contraposição à suas obras anteriores.

Portanto, se, em 1901, por exemplo, com o ensaio “O que falta à nossa literatura”⁵⁸, José Veríssimo considera a literatura brasileira carente de idéias, de pensamento e de público, é em 1907, no livro **Que é literatura? e outros escritos**, que o crítico vislumbra uma literatura brasileira provida de elementos que tornam o estético uma das principais características da obra literária.

Assim sendo, em 1907, traçando um contraste entre ciência e literatura — ainda com resquícios científicos — e tomando todas as acepções possíveis do último termo, Veríssimo destaca os elementos estéticos da obra de arte, em simetria com críticos como Moniz Barreto e C.T. Winchester. Entre essas considerações está a de que *não basta que um livro de literatura contenha verdades de interesse permanente, é preciso que ele tenha por si mesmo um interesse permanente*.⁵⁹

É esse “interesse permanente” que será retomado, em 1912, na “Introdução” da **História da literatura brasileira**, por meio da definição de literatura como “arte literária”. Tal definição refina o método crítico de José Veríssimo ao tratar o nacionalismo não como um fator exclusivo, mas um ingrediente, para a análise e compreensão da obra literária. Acreditando que o “talento de execução” da obra de arte é um importante aspecto para a concepção crítica de Veríssimo, João Alexandre Barbosa afirma:

Eis aí, portanto, o germe de sua concepção da Literatura como arte literária, que servirá de base aos estudos posteriores e que ele procurará sistematizar na “Introdução” à **História da literatura brasileira**. Isso não

⁵⁸ VERÍSSIMO, José. **Estudos de literatura brasileira**: 2a. série. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

⁵⁹ VERÍSSIMO, José. **Que é literatura? e outros escritos**. Rio de Janeiro: Garnier, 1907. p. 10.

significa, entretanto, o abandono de alguns princípios estruturados e estruturadores de sua fase de formação intelectual: dentre eles, a crença na atividade crítica como modo de contribuir para o esclarecimento do país — a idéia da Crítica como atividade cultural ampla e não somente literária.⁶⁰

Em 1907, por exemplo, Veríssimo, na obra **Que é literatura? e outros escritos**, estabelece uma definição para *arte literária*: a junção entre *imaginação, pensamento e forma*. Através dos conceitos de Moniz Barreto, Veríssimo delinea seu caminho crítico tomando consciência de suas *influências espirituais* e, ao mesmo tempo, da consciência nacional que rege a formação da literatura brasileira.

A dificuldade, entretanto, — diz João Alexandre Barbosa — estava em instaurar uma linguagem crítica que absorvesse duas faces — uma linguagem de redução da História, do social, do mesológico, etc, a um modelo de análise crítica de obras literárias. Mas a linguagem da crítica, diga-se ainda mais uma vez, não é viável sem a crítica da linguagem. A menos que o crítico se satisfaça com o esboço paralelo, ainda que criativo, do registro das impressões.⁶¹

Todavia, observa-se que se, por um lado, Veríssimo consegue chegar a uma definição teórica sobre o que é literatura e o fazer literário, por outro, no momento de analisar as obras literárias, o crítico sofre as limitações de alguns critérios científicos presentes em sua fase de formação. Acreditando que o *progresso literário* está correlacionado com a evolução nacional em sintonia com as idéias de Darwin — *seleção natural* — , Veríssimo fornece subsídios para a definição da literatura

⁶⁰ BARBOSA, João Alexandre, *Op. cit.* p.65.

⁶¹ BARBOSA, João Alexandre. *Op. cit.* p.157.

brasileira em consonância com o desenvolvimento da nação. Tanto para Veríssimo, como para Sílvio Romero e outros críticos do século XIX, as fontes estrangeiras justificam-se através da interpenetração das culturas e sua interdependência.⁶²

Afora as lições de Darwin, a obra literária para Veríssimo deve, além de passar por um refinamento ao longo do tempo, possuir *qualidades de expressão e de pensamento*:

As qualidades de expressão, porém, não são apenas atributos de forma sob o aspecto gramatical ou estilístico, senão virtudes mais singulares e subidas de íntima conexão entre o pensamento e o seu enunciado. Não é escritor senão o que tem alguma coisa interessante do domínio das idéias a exprimir e sabe exprimi-la por escrito, de modo a lhes aumentar o interesse, a torná-lo permanente e a dar aos leitores o prazer intelectual que a obra literária deve produzir.⁶³

Essa busca pela *singularidade e permanência* — maturidade — da obra literária, representa um avanço, ou antes uma ruptura, com as abordagens anteriores da literatura. Veríssimo constrói uma história literária formada por *obras* e não livros, por *escritores* e não autores, representativos do processo de “evolução” do sistema literário brasileiro.

⁶² “Foi o que Augusto Comte exprimiu na lei do *consensus*, considerada pelo autor uma das maiores contribuições à ciência. Antes daquela influência, os primeiros tempos da Colônia deviam estar forçosamente sob a ação quase mecânica de Portugal. O *consensus* começa a agir com mais largueza em virtude das nossas comunicações com o resto do mundo, esboçadas timidamente pelos intelectuais na segunda metade do século XVIII e firmadas com a vinda da Família Real. Devido a nossa participação na vida do Ocidente, do “mundo Américo-europeu” de que fala Sílvio, a imitação será para nós uma fatalidade, até o dia em que lançarmos no acervo da cultura a nossa contribuição própria. Este dia, segundo ele, seria um corolário da evolução racial; a nossa autonomia cultural se completaria apenas quando estivesse completa a fusão dos elementos díspares e predominasse o branco fenotípico.” CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Sílvio Romero**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p.99.

⁶³ VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1º milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia., 1916. p. 19-0.

A dialética *tradição e talento individual*⁶⁴ fornece ao crítico duas linhas paralelas que formam a **História**: a busca pela caracterização de uma *evolução* social e literária, que conta com a trajetória da mistura de raças no Brasil, e a sistematização e valorização da literatura como um ramo independente da sociedade.

Na “Introdução” à **História**, Veríssimo salienta o valor da “evolução” literária brasileira apontando alguns fatores da *emancipação literária nacional*: a literatura brasileira tem expressão própria, o romantismo representou o amadurecimento da emancipação literária nacional e houve um sentimento — *o espírito nativista primeiro e o nacionalista depois* — configurando-se desde os primórdios da literatura brasileira, dando a esta autonomia e liberdade.

A posição de Veríssimo não rompe totalmente com a concepção de escola e gêneros como um organismo vivo que nasce, cresce e morre, seguindo a *seqüência natural dos fatos*, mas há algo que renova esse enfoque: o tratamento da obra literária como sendo mais importante que o gênero ou a escola literária. Tratando, assim, o texto:

Como objeto de estudo em si mesmo, desvinculando-o de particularidades biográficas explicativas de seu modo de ser, privilegiando o produto acabado ao invés do produtor em seu meio, Veríssimo colaborou para a inovação da análise e da crítica literária de seu tempo. Desviou a concepção da literatura de uma perspectiva sociológica determinista, onde as obras possuíam papel circunstancial, para reconduzi-la no caminho da Estética, em que o objeto literário adquire

⁶⁴ Conforme definição de T. S. Eliot.

autonomia, relativa é claro, e se coloca no primeiro plano de estudo.⁶⁵

Nesse sentido, a posição de Veríssimo é visualizar a obra literária como parte da sociedade e não, ao contrário, representando-a de forma mimética. Isso não quer dizer que a consciência da realidade nacional seja abandonada em nome da *arte pela arte*. Veríssimo salienta a evolução do literário e, conseqüentemente, o amadurecimento da consciência da nacionalidade em uma sociedade também em fase de formação. Alguns escritores, contudo, conseguiram maior destaque por tratar dos assuntos locais e torná-los universais.

Veríssimo procura a distinção e singularidade em relação às formas estrangeiras. A partir de diversos enfoques críticos, porque *um método só e exclusivo em crítica é, com efeito, por via da regra, perigoso e falaz, e o único meio de escapar aos defeitos que lhe são próprios será verificar os seus resultados por outros processos, sujeitá-lo a outras provas, examinar e estudar os fatos a outra luz.*⁶⁶ Veríssimo desconfia das teorias científicas que direcionam o pensamento dos intelectuais da “geração de 70”, promovendo a busca por vários caminhos que inserissem o homem das letras no desenvolvimento da sociedade.

Mesmo mudando seu enfoque crítico, apesar das reivindicações de autonomia e originalidade, a crítica literária do século XIX apresenta um ponto de vista eurocêntrico⁶⁷, redundando na criação de um padrão

⁶⁵ MALARD, Letícia. Introdução. In: VERÍSSIMO, José. **Estudos de literatura brasileira**: 4a. série. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977. p. 03.

⁶⁶ VERÍSSIMO, José. Das condições da produção literária no Brasil. In: ————. **Estudos de literatura brasileira**: 3a. série. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977. p. 32.

⁶⁷ “Conhecíamos melhor a Europa do que o que se passava nas diferentes províncias do Império. País importador de idéias, as nossas eruditas elites litorâneas do século XIX sofregamente procuravam informar-se do que se passava nos grandes centros de cultura da Europa, esquecidas, freqüentemente, de indagar daquilo que lhes ia em redor. Por volta de 1870, essa ânsia de conhecer as transformações, que se operavam na vida intelectual européia, se acentua. COSTA, João Cruz. **Contribuição à história das idéias no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. p.299.

metropolitano de civilização e na busca pela identidade local. Como afirma Roberto Ventura:

A crítica e a historiografia, produzidas no Brasil a partir de 1870, foram marcadas por modelos etnológicos e naturalistas e por formas reatualizadas de história natural, que levaram à *aspiração à unidade do saber* e à exclusão da especialização científica ou disciplinar. Daí a importância do ensaio literário, histórico e cultural, como forma de expressão dos letrados e bacharéis, que tornava possível uma concatenação eclética de teorias e conhecimentos díspares, apresentados como saber “universal”. A crítica literária e a história social se orientaram até 1930 pelas noções de *raça* e *natureza*, o que explica a grande recepção do positivismo, do evolucionismo e do racismo.⁶⁸

Dividindo as influências de José Veríssimo em dois grandes blocos sínteses, pode-se afirmar que de um lado teríamos a presença de Sílvio Romero — representando a visão cientificista do século XIX — e por outro a figura de Machado de Assis que mostrará a José Veríssimo novos caminhos para a compreensão da literatura nacional. Nas primeiras obras do crítico paraense os autores mais citados são aqueles que representam o positivismo: Sílvio Romero, Comte, Littré, Spencer, Renan, Darwin, Stuart Mill, entre outros. Algum tempo depois, não satisfeito com as amarras do cientificismo, as fontes de Veríssimo, com Sílvio Romero à frente, passam a ser modificadas porque existe um descompasso entre o *método* e o *sistema* cientificista e as obras literárias que representam, segundo o crítico paraense, a “nossa alma coletiva”. Na busca por novos caminhos, José Veríssimo encontra na

⁶⁸ VENTURA, Roberto, *Op. cit.* p. 41.

obra de Machado de Assis todos os ingredientes necessários para formular uma nova visão sobre a literatura brasileira.

Eu também, se ousar citar-me, depois de haver, ainda com um conceito, se não de todo errado, estreito, o nacionalismo em arte, ter visto à outra luz a íntima significação da obra de Machado de Assis, cheguei a conclusão de que essa obra é profundamente nacional, isto é, profundamente representativa da nossa alma coletiva.⁶⁹

O rigor dos *métodos e sistemas* do cientificismo começa a ser substituído por uma coerência crítica cuja tarefa é repensar a literatura brasileira segundo postulados estéticos. Assim sendo, Renan, Brandes, Moniz Barreto, Winchester, Mabie, entre muitos outros críticos, começam a tomar o lugar das primeiras influências de Veríssimo. Além de organizar cronologicamente os autores, obras e estilos, a **História da literatura brasileira**, portanto, desempenhará a função de selecionar os escritores mais representativos, do ponto de vista estético, para as letras nacionais. A sistematização cronológico-interpretativa utilizada por Veríssimo, em sua **História**, está vinculada a dois fundamentos: de um lado a substituição das fontes de leitura do crítico e, por outro, na definição de Machado de Assis como o centro do cânone literário brasileiro. Tomando a lição de Scherer, *criticar é compreender*⁷⁰, Veríssimo estabelecerá uma seqüência, que aprova certas obras e rejeita outras, cujo resultado é acompanhar o desenvolvimento da autonomia da literatura e da nação brasileira.

⁶⁹ IDEM. p. 35

⁷⁰ Esta frase também é encontrada no ensaio "Sobre alguns conceitos do Sr. Sívlio Romero". *Criticar é compreender, e não se precisa de uma grande penetração crítica para entender o Sr. Sívlio Romero*. Cf. VERÍSSIMO, José. **Que é literatura? e outros escritos**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1907. p. 167.

Podando *as galhadas frondosas da árvore plantada por Sílvio Romero*⁷¹, José Veríssimo segue as lições de Hamilton Mabie que distingue a literatura entre *subsidiária* e *representativa*. Para Veríssimo, assim como para Mabie, a literatura possui uma função social ao representar o espírito e o caráter nacional trazendo, assim, unidade à nação.

José Veríssimo acredita que a literatura brasileira passa por um processo de *subsidiária* para transformar-se, de geração para geração, em *representativa*. Isso se torna evidente quando Veríssimo pontua os principais escritores da literatura brasileira — Gregório de Matos, Gonçalves Dias e Machado de Assis — no decorrer de várias escolas literárias cuja grande parte de seus autores exerce um papel de “engrossadores literários”, como define o crítico.

Na “Introdução” da **História**, José Veríssimo, aproveitando-se da leitura de Mabie, afirma:

Muitos dos escritores brasileiros, tanto do período colonial como do nacional, conquanto sem qualificações propriamente literárias, tiveram todavia uma influência qualquer em a nossa cultura, a fomentaram ou de algum modo a revelaram. Bem merecem pois da nossa literatura. Erro fôra não os admitisse sequer como subsidiários, na história dessa literatura.⁷²

Demonstrando amadurecimento teórico e estabelecendo critérios definidos para a montagem de sua **História**, Veríssimo também dividirá suas leituras críticas em *subsidiárias* e *representativas*. *Subsidiárias* serão aquelas leituras — como o positivismo — que, apesar de deixadas para segundo plano, ainda fazem parte da concepção do crítico.

⁷¹ LIMA, Alceu Amoroso. **Introdução à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Agir, 1956. p. 78

⁷² VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1^o milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916. p. 15

Importantes, porém, são as leituras *representativas* que ratificam as escolhas do crítico. Conforme Veríssimo:

Nota-se mais o aparecimento em toda nossa literatura de requisitos de que carecia, e que faltaram sempre à antiga literatura portuguesa, o gosto, o interesse, a capacidade de idéias gerais, preocupações mais largamente humanas e sociais, em vez de pura sentimentalidade e do estreito nacionalismo romântico. Alguns dos principais representantes desta última fase da nossa evolução literária são, sem prejuízo do seu brasileirismo de raiz, cosmopolitas e universais.⁷³

Além da influência de Mabie, a definição de Winchester — *interesse permanente* — para a classificação da obra literária será tomada como ingrediente para Veríssimo montar seus pressupostos teóricos formando, assim como a concepção de Mabie e de Machado de Assis sobre o caráter universal da obra e, de certa forma, o positivismo, na expressão *evolução literária*, a mistura de posicionamentos críticos que contribuem para formar o pensamento de Veríssimo. Como define o crítico:

Presuma esta **História** haver cabalmente verificado o desabrochar desse instinto desde a formação do nosso povo, bem como o seu constante desenvolvimento a par com o deste. A espontaneidade do fenômeno não prova, entretanto, que não assentasse em um errado conceito do nacionalismo na literatura. Desde 1873, no artigo de que acabo de citar uma feliz

⁷³ VERÍSSIMO, José. **Historia da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1^o milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916. p. 29

expressão⁷⁴, Machado de Assis oferecia a primeira contrariedade, que me conste, à opinião ao seu parecer errônea, que só nas obras consoantes aquele propósito reconhecia espírito nacional e conceituosamente escrevia “não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo que o torne homem do seu próprio tempo e do seu país, ainda quando trata de assuntos remotos no tempo e no espaço”. Este programa devia ele cumpri-lo com peregrina distinção, despreocupadamente.⁷⁵

Em consonância com as idéias do seu tempo, o crítico procura aproveitar-se de todas as correntes teóricas para elaborar seu caminho e, deste modo, observar na literatura brasileira a transformação do *instinto de nacionalidade* em instinto de universalidade. *Em literatura, como na vida, nada é mais difícil que a independência completa. Mas desejá-la sinceramente e praticá-la, de boa fé, já um grande mérito.*⁷⁶

Na busca pela independência crítica, José Veríssimo mistura suas influências criando, assim, uma obra que adquire organicidade e independência frente aos diversos métodos utilizados no século XIX.

A crítica do século XIX viria sobretudo a distinguir-se por uma compreensão mais justa e eqüitativa do passado, pela ausência de preconceitos anti-religiosos e políticos, por uma mais larga apreciação da constituição

⁷⁴ A expressão citada é “instinto de nacionalidade” e encontra-se no artigo “Instinto de nacionalidade: notícia da atual literatura brasileira”, publicado por Machado de Assis em 24 de março de 1873, no **O Novo Mundo**, periódico ilustrado de Nova Iorque.

⁷⁵ VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1º milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916. p. 317-18.

⁷⁶ VERÍSSIMO, José. A França intelectual. In:———. **Homens e cousas estrangeiras**. (1899-1900). Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902. p. 52

étnica e social dos povos, e, principalmente, pela introdução definitiva nela da noção positiva do relativo e da hipótese fecunda e indispensável da evolução.⁷⁷

Para Veríssimo a crítica literária não deve seguir “cartilhas de escolas” mas constituir-se de uma mistura de métodos que tragam independência ao crítico tornando-o, como define Sainte-Beuve, *um homem que sabe ler e que ensina os outros a ler, e a crítica, qual a quisera praticar, uma invenção e uma criação perpétua*.⁷⁸

Veríssimo nota o esgotamento da influência da “geração de 1870” quando demonstra o papel da cultura no Brasil, indicando a falta de leitores e, conseqüentemente, a pouca assimilação das idéias e ensinamentos dos escritores e pensadores. Restando ao intelectual apenas a manutenção da cultura para a geração futura, Veríssimo constrói uma **História da literatura brasileira** que desvincula, pouco a pouco, o papel do intelectual na formação social do Brasil. Resta ao crítico construir uma obra que possuía várias orientações: formação da nacionalidade brasileira, definição do cânone literário nacional, configuração de um discurso especificamente literário e crença na educação nacional como um dos pilares do fortalecimento da nação.

A formação de José Veríssimo, portanto, o leva a uma “semeadura difusa”, como bem definiu Afrânio Coutinho⁷⁹, na qual idéias e princípios, muitas vezes aparentemente contraditórios, unem-se para formar um discurso de mediação entre a crítica de fundo impressionista e aquela cujos ideais eram trazidos do cientificismo.

Compondo uma obra de conciliação entre os extremos críticos, José Veríssimo articula sua formação à criação de um campo intelectual

⁷⁷ VERÍSSIMO, José. Sainte-Beuve. In: ————. **Que é literatura? e outros escritos**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1907. p. 127.

⁷⁸ IDEM, *ibidem*, p. 131

⁷⁹ COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Co-direção de Eduardo de Faria Coutinho. Rio de Janeiro: Global, 1993.

brasileiro que possuísse, sob a forma de um cânone literário nacional, importância universal. O resultado de seu trabalho pode ser definido por sua preocupação com a educação nacional como meio de equacionar os abismo sociais que separavam o Rio de Janeiro do resto do Brasil e do mundo.

A permanente busca por vários caminhos críticos, reflete a formação “humanista” de Veríssimo e a tentativa de inserção do intelectual frente a uma sociedade que sofria rápidas mudanças em sua estrutura. No próximo capítulo será observada a formação de um cânone literário brasileiro. Feito no auge da *belle époque*, o cânone de Veríssimo soa como a voz de um crítico que perdido num turbilhão de novas idéias vindas da Europa, sente-se obrigado a salvar a “verdadeira” literatura brasileira do esquecimento do presente. Esse esquecimento era causado pelas crenças e fantasias dos intelectuais da *belle époque* que, ao contrário de Veríssimo, acreditavam no progresso pela aceitação completa dos modelos europeus e se esqueciam do brasileiro.